

O tráfico internacional de mulheres

Maria Angélica Peixoto* & Telma Ferreira Nascimento**

Resumo:

O tráfico internacional de mulheres é um grave problema social que atinge diversos países e a parte mais vulnerável da população feminina. Estudar este fenômeno, analisar suas determinações, observar as possibilidades de superação, torna-se, então, fundamental. O presente artigo busca ser uma contribuição para compreender o processo complexo de ampliação do tráfico internacional de mulheres a partir da percepção das mudanças nas relações internacionais e no capitalismo mundial.

Palavras-chave: Tráfico, mulheres, relações internacionais, acumulação integral, capitalismo.

Abstract:

The international traffic of women is a serious social problem that reaches the diverse countries and the part most vulnerable of the feminine population. To study this phenomenon, to analyze its determination, to observe the overcoming possibilities, becomes, then, basic. The present article searches to be a contribution to understand the complex process of magnifying of the international traffic of women from the perception of the changes in the international relations and the world-wide capitalism.

Key Words: International traffic, women, relations, integral accumulation, capitalism.



A literatura sobre o tráfico internacional de mulheres tem crescido consideravelmente nos últimos tempos. Naturalmente o avanço e o fortalecimento desta modalidade de crime organizado transnacional chama a

atenção dos pesquisadores e estudiosos da questão. Porém, investigações que tentam deslindar as relações estabelecidas entre o Estado-Nação, neste caso o estado brasileiro, e os organismos internacionais para o enfrentamento deste tipo de crime ainda é incipiente, pelo menos no Brasil.

O tráfico internacional de mulheres é um problema que envolve distintas questões: violência, criminalidade, direito, Estado, relações internacionais, organizações internacionais, lutas femininas. Pensar a situação atual da mulher remete a estudar este que é um dos problemas mais graves da sociedade

contemporânea, cujo marco civilizatório ainda guarda semelhanças com o primitivismo do uso da força para impor um determinado tipo de violência.

O novo contexto internacional

Antes de tudo, é útil uma contextualização que permite compreender melhor o processo de formação do tráfico internacional de mulheres. A evolução do capitalismo mundial ocorre no sentido de ampliar o processo de internacionalização sob o signo da subordinação e do imperialismo (VIANA, 2009). Isto vai gerar um processo de intensificação da desigualdade e, por conseguinte, da violência. Neste contexto, de acordo com a lógica neoliberal, os organismos internacionais apresentam propostas de políticas e ações paliativas que buscam minimizar o grau de incidência da violência e das desigualdades e miséria, além de buscar se legitimar nesse processo.

É neste sentido que surge a chamada “cultura da paz”, que emerge a partir do mundo pós- Guerra Fria:

A situação atual do planeta que nos abriga e nutre é dramática. O meio ambiente degradado mostra o quanto os entes humanos podem ser destrutivos. Nas relações entre os indivíduos, grupos sociais, países, o clima é de guerra latente ou explícita. Todas as aparências indicam que o destino da humanidade está vinculado ao belicismo. Os anseios de paz e de concórdia parecem cada vez mais tênues e ineficazes. No entanto, na memória intelectual e afetiva da modernidade, brilha a razão que ensina o caminho da vida e do entendimento para os seres que partilham o pensamento, a ciência, as artes e as técnicas. (GUINSBURG, 2004, p.9)

Desta forma, é possível dizer que o

cosmopolitismo tem ressurgido com uma nova roupagem (NASCIMENTO, RIBEIRO E MATOS, 2008). Ocorre uma atualização de discursos que objetiva convencer os variados agentes de que o império da justiça, igualdade, respeito às normas internacionais, seria benéfico para todos (MIYAMOTO, 2000, p.53). Os organismos internacionais reforçam o ideal de formação de uma comunidade internacional, que seria organizada em torno de valores éticos convergentes e comuns (OLIVEIRA, 2001). A Organização das Nações Unidas tem sido a principal responsável por este discurso e em 1994 a Agenda para a Paz (Nascimento, Ribeiro e Matos, 2008). Ao mesmo tempo se cunhou o termo *segurança humana* no sentido de pensar formas de prevenção da violência e conflito. O processo de empobrecimento da população mundial e intensificação da violência, torna necessário pensar as novas dimensões da segurança humana, tal como se nota no PNUD:

En el plano mundial, La seguridad humana no significa ya contar con salvaguardias cuidadosamente erigidas contra la amenaza de un holocausto nuclear, una probabilidad que se há reducido grandemente AL terminar La guerrafria. Em cambio, significa responder a la amenaza de la pobreza mundial que atraviesa las fronteras internacionales em la forma de estupefacientes, VIH/SIDA, cambio climático, migación ilegal y terrorismo. (PNUD, Informe sobre desarrollo humano, 1994)

Estes organismos e suas propostas e discursos não surgem do nada. É o novo contexto capitalista mundial que reforça o processo de violência e empobrecimento que faz crescer tal debate acerca da paz e da segurança

humana. O novo regime de acumulação instaurado a partir dos anos 1980 se fundamenta numa busca de ampliação da exploração internacional (VIANA, 2009). Nesse sentido, com a emergência deste novo regime de acumulação e suas bases (reestruturação produtiva, neoliberalismo, neo-imperialismo), temos uma ampliação do processo de exploração, empobrecimento, violência. Tal como Bourdieu afirmou sobre o neoliberalismo – e que se desenvolve em nível internacional com o neo-imperialismo – é uma época marcada pela busca de uma “exploração sem limites” (BOURDIEU, 1998). Um conjunto de determinações atuam no sentido de intensificar este processo:

(...) contribuem para a violência, de um lado, os fenômenos bélicos e, de outro, fenômenos como a pobreza, as carências democráticas, o nível de desenvolvimento das capacidades humanas, as desigualdades estruturais, a deterioração do meio ambiente, as tensões e conflitos étnicos, o respeito aos direitos humanos(sic). (Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz, 2002, p.21)

Isso promove um crescimento do processo de violência, inclusive a violência internacional, ou seja, aquela realizada por determinado país sobre outros. Isso é visível no caso de guerras (a do Iraque é apenas o exemplo mais recente). Contudo, essa é a forma visível da violência internacional, mas existem outras formas menos evidentes e visíveis. O tráfico de mulheres é uma forma menos evidente de tal violência internacional. Porém, sua prática está ligada a uma forma mais amplamente reconhecida, que é o crime organizado. A rearticulação das relações internacionais e a necessidade de ampliação da exploração neste nível

(VIANA, 2009) torna mais intenso o desenvolvimento do crime organizado que ultrapassa as fronteiras nacionais, o crime organizado internacional. Este não ocorre nos marcos legais estabelecidos e o sigilo é uma de suas marcas principais.

Portanto, o crime organizado internacional foge ao controle das organizações de âmbito nacional ou internacional, uma vez que ele não é regulado por instituições públicas ou privadas, mas é igualmente importante como componente do sistema capitalista. O seu caráter ilícito torna a avaliação, a quantificação e o dimensionamento de tal fenômeno difícil no contexto das Relações Internacionais (NASCIMENTO, RIBEIRO E MATOS, 2008, p. 26).

O tráfico mundial aumentou bastante e chega a movimentar de 2 a 5% do produto mundial bruto e que expressa uma cifra entre Seitenfus (2004).

A Geopolítica do Narco revela padrões históricos de dependência e distribuição desigual da riqueza nas relações entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, colocando em contradição os governos dos países ricos consumidores em enorme escala, em confronto com os governos dos países pobres produtores que passaram a integrar a dinâmica imposta pela demanda em escala compatível e cada vez mais capitalisticamente determinada pelas leis de mercado em franca expansão para o produto. (RIBEIRO, 2000, p.34)

Neste sentido, o crime organizado é extremamente lucrativo e permite um processo de exploração internacional ilegal, o que manifesta uma outra forma de violência internacional. Ele passa por cima da organização legal dos Estados Nacional, formando uma espécie de poder paralelo, gerando formas de

criminalidade como o tráfico de entorpecentes e de mulheres, tema que passaremos a focalizar a partir desta contextualização.



O tráfico internacional de mulheres

O processo de ampliação da internacionalização e rompimento do protecionismo no capitalismo subordinado (o chamado “Terceiro Mundo”) e a criação de mecanismos internacionais entre os próprios países imperialistas, permite um maior, mais fácil e rápido fluxo de moeda, mercadorias, etc. E, nesse contexto, facilita a lavagem de dinheiro e determinadas atividades ilegais, tal como o tráfico de seres humanos (SEITENFUS, 2004; NASCIMENTO, RIBEIRO E MATOS, 2008).

Embora tenha surgido há séculos, o tráfico de seres humanos vem, nas últimas décadas, tornando-se um problema de dimensões cada vez maiores, a ponto de ser chamado por muitos de a forma moderna de escravidão. Prática relacionada com a Antiguidade, o tráfico de seres humanos continua existindo no século XXI, constituindo-se juntamente com o tráfico de drogas uma das mais lucrativas atividades do comércio mundial, tendo suplantado o tráfico de armas. Seu

crescimento está diretamente relacionado aos problemas gerados pelo crescimento descontrolado da população mundial, principalmente nas regiões mais pobres, às disparidades de oportunidades econômicas e a migração internacional excessiva. Atualmente, se confunde com outras práticas criminosas e de violação dos Direitos Humanos e não serve mais apenas à exploração de mão-de-obra escrava (NASCIMENTO, RIBEIRO E MATOS, 2008, p. 30).

As populações mais vulneráveis são as dos países de capitalismo subordinado e no seu interior existem setores ainda mais vulneráveis: os setores mais empobrecidos, lumpemproletarizados (VIANA, 2009). Porém, no interior deste grupo há outros grupos ainda mais vulneráveis: crianças e mulheres. Neste contexto, podemos falar em espiral de vulnerabilidade, no qual as mulheres e crianças estão no ponto mais frágil de todo o processo.

O tráfico de mulheres, nosso tema em foco, é bastante antigo e foi colocado como objeto da legislação internacional pela primeira vez em 1904, quando ocorre o “Acordo para a Repressão do Tráfico de Mulheres Brancas”, em Paris. Outros acordos e convenções foram produzidas (NASCIMENTO, RIBEIRO E MATOS, 2008) até chegar ao Protocolo de Palermo (2000) que a ONU buscou produzir novos instrumentos, mais eficazes, visando o controle jurídico internacional sobre tráfico de pessoas e prostituição.

Existem várias formas de tráfico de pessoas, com objetivos diferenciados. Nos limitaremos ao tráfico de mulheres, cujo objetivo fundamental está na exploração sexual, mas também superexploração da força de trabalho, servidão voluntária e doação

involuntária de órgãos para transplante. Embora algumas destas formas sejam passíveis de serem realizadas com homens, o que ocorre só que em grau menor, a maior vítima são as mulheres, bem como crianças e adolescentes (com predomínio do sexo feminino neste caso também). Esse processo permite um retorno financeiro considerável, sendo um negócio extremamente lucrativo, movimentando cerca de 7 a 9 bilhões de dólares. Estima-se que, para cada ser humano transportado ilegalmente de um país para outro, o lucro das redes criminosas chegue a US\$ 30 mil. Segundo o Relatório do UNODC um traficante na Bélgica importava mulheres da África e vendia cada uma a US\$ 8 mil. Mas estima-se que as cifras possam chegar a até US\$ 30 mil por vítima. (Idem, p. 40).

O tráfico é lucrativo e acaba sendo uma forma de exploração internacional, já que a rede de exploração acaba se consolidando no sentido de fornecer lucro principalmente para os países imperialistas, ocorrendo mais ou menos o mesmo processo que o do narcotráfico¹.

O levantamento de dados do UNODC mostra que a prática do tráfico de seres humanos aumenta em todo o mundo, o que ocorre de forma mais intensa na América Latina. O estudo mostra que este grave problema social atinge não apenas os países de capitalismo subordinado, mas também os países

¹“De uma forma geral, o narcotráfico favorece as economias dos países produtores das narcoplantas, pois, com a crise mundial os seus principais produtos de exportação têm sofrido sucessivas quedas de preços. Ainda que a maior parte dos lucros do tráfico não fique nesses países, ele gera uma economia alternativa, de baixa renda, para uma parte de suas populações, tornando-se parte do cotidiano destas sociedades” (NASCIMENTO, RIBEIRO E MATOS, 2008, p. 29).

chamados “desenvolvidos”. É no primeiro grupo de países que as vítimas geralmente são “recrutadas”. Os países imperialistas são os principais “mercados consumidores” de seres humanos assim “sequestrados”. Os países europeus são principais locais de destino das vítimas.

O Brasil, ao lado da República Dominicana e da Colômbia, é um dos três países latino-americanos onde há maior número de recrutamento para o tráfico de seres humanos com destino à Europa. A expansão deste comércio na América Latina está diretamente associada à pobreza da região, mas também ao fato de que estes países não estão eficazmente preparados para lidar com o problema, seus marcos jurídicos não acompanham as rápidas transformações e ameaças geradas pela atual fase do capitalismo contemporâneo, e essas determinações se reforçam e estão envolvidas com várias outras.

Tráfico de mulheres e a situação contemporânea da mulher

A questão da mulher não pode ser separada das relações sociais mais amplas em que ocorre (PEIXOTO, 2006; VIANA, 2006). A situação da mulher está intimamente ligada ao desenvolvimento social em geral, às lutas sociais, a regularização estatal, a mobilização das mulheres, ao desenvolvimento da acumulação capitalista, bem como a ação de múltiplas organizações, o que torna o quadro extremamente complexo.

A situação da mulher não é homogênea. Existe uma escala de vulnerabilidade na condição feminina. As mulheres das classes privilegiadas possuem maior acesso a cultura (“capital cultural”), direitos, e outras condições (profissionais, sociais, financeiras) que

as tornam menos vulneráveis. Porém, quanto mais baixo na pirâmide social, maior é o seu grau de vulnerabilidade. Neste sentido, entender os números e o tráfico internacional de mulheres remete ao estudo do problema da relação entre a posição social da mulher e seu grau de vulnerabilidade.

Também é necessário entender o processo social global, tal como a dinâmica da acumulação capitalista, as relações internacionais, entre outras determinações, para compreender como esta situação é perpassada também pelas mudanças sociais gerais, aumentando ainda mais a vulnerabilidade feminina.

Assim, a conclusão preliminar que podemos retirar das análises precedentes é que há um aumento do tráfico internacional de mulheres envolvido num conjunto de outras relações sociais e relacionado com a dinâmica do capitalismo mundial. Isto coloca em evidência que a situação da mulher na sociedade contemporânea é marcada por avanços e recuos, mudanças e permanências. O espaço maior conquistado pela mulher no mercado de trabalho, em alguns setores e lugares, a valoração da condição feminina, as lutas femininas, a violência doméstica, o tráfico internacional de mulheres, entre outros exemplos, são indicadores desse processo. Estes acontecimentos apontam para o reconhecimento de que nesse processo histórico ocorreram alguns avanços. Tais avanços podem contribuir com outros e com o fortalecimento de um mecanismo para a mudança. Assim, estes avanços, desde que sejam estendidos e acumulados, podem contribuir com mudanças mais profundas, o que depende das lutas femininas e outras lutas sociais, inclusive no sentido de repensar as práticas e propostas. Isto aponta para a

necessidade de questionar não só a situação particular de determinadas mulheres e seus problemas derivados, pois é preciso desenvolver uma percepção mais global e, ao mesmo tempo, de outros setores da população feminina. A questão do tráfico internacional de mulheres está envolvido num conjunto de determinações que precisam ser melhor conhecidas – aqui foi oferecido apenas uma breve introdução a estes problemas – e isso demanda pesquisas, e, a partir disso, pensar em propostas alternativas no sentido de criar condições para sua superação. Refletir e agir, agir e refletir, duas faces de uma mesma moeda, que se reforçam reciprocamente, no sentido de que o avanço de um permite o avanço de outro.

Referências:

- BOURDIEU, P. *Contrafogos. Táticas para Enfrentar a Invasão Neoliberal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- CENTRO INTERNACIONAL de Investigação e Informação para a Paz. *O estado da paz e a evolução da violência: a situação da América Latina*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.
- GUINSBURG, J. (Org.). *A paz perpétua: um projeto para hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas*. Brasília, 2007.
- MIYAMOTO, S. *O ideário da paz em um mundo conflituoso*. In: BEDIN, Gilmar et al. *Paradigmas das relações internacionais*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2000.
- NASCIMENTO, Telma; RIBEIRO, Paulo; MATOS, Luciana. “Violência e Relações Internacionais: As Dimensões da Violência e o Crime Organizado na América Latina – Uma Proposta de Estudo”. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 18, n. 1/2, p. 19-34, jan./fev. 2008.
- OLIVEIRA, M. O. de. *Relações internacionais: estudos de introdução*. Curitiba: Juruá, 2001.
- PEIXOTO, M. A. *Movimento Operário e Lutas Femininas*. In: VIANA, N. (org.). *A Questão da Mulher: Opressão, Trabalho e Violência*. Rio de

Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

PNUD. *Nuevas dimensiones de La seguridad humana*. In: PNUD. *Informe sobre desarrollo humano*, PNUD, 1994. Cap. 2.

RIBEIRO, A. M. M. *Sociologia do narcotráfico na América Latina*. In: IULIANELLI, J. A. S.; RIBEIRO, A. M. M. (Orgs.). *Narcotráfico e violência no campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SEITENFUS, R. *Relações internacionais*. Barueri: Manole, 2004.

VIANA, N. *Método Dialético e Questão da Mulher*. In: VIANA, N. (org.). *A Questão da Mulher: Opressão, Trabalho e Violência*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

VIANA, N. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Idéias e Letras, 2009.



* **MARIA ANGÉLICA PEIXOTO** é Socióloga e Professora da Universidade Paulista/UNIP e Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-GO.

** **TELMA FERREIRA NASCIMENTO** é Professora de Sociologia da UFG - Universidade Federal de Goiás; Doutora em Sociologia e Ciência Política pela Universidade Complutense de Madrid. Professora da Universidade Federal de Goiás.